

11**DESAFIOS DOCENTES E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
UMA ANÁLISE OBSERVACIONAL****TEACHING CHALLENGES AND ENVIRONMENTAL EDUCATION:
AN OBSERVATIONAL ANALYSIS****Sayonara Ferreira da Silva*¹⁴⁶****Bruno Michael da Silva Pereira******Maria Aliete Bezerra Lima Machado*******Manoel Bernardino da Silva Filho******

RESUMO: É de suma importância inserir a Educação Ambiental não apenas como metodologia, mas como ações a serem desenvolvidas no cotidiano e âmbito escolar, para que se possa desenvolver um trabalho de sensibilização e construção de indivíduos conscientes e críticos, quanto às questões sociais e ambientais. A presente pesquisa objetivou analisar de forma observacional a prática docente de professores do Ensino Fundamental II, do município de Palmeira dos Índios – AL e os desafios diários enfrentados ao trabalhar com a Educação Ambiental. O levantamento de dados da pesquisa foi de forma qualitativa e se deu por meio de observações, sem intervenção, e registros através de anotações e fotografias. Nossos resultados demonstraram na prática o que a literatura traz quando se questiona os resultados obtidos com a falta de políticas públicas voltadas a educação, fato que demonstrou uma falta grave com relação à efetivação da prática ambiental como formação discente para a sociedade.

Palavras-chave: Meio ambiente. Professores do ensino fundamental II. Sensibilização ambiental.

ABSTRACT: It is of the utmost importance to insert Environmental Education not only as a methodology, but also as actions to be developed in daily life and in the school environment, so that it can develop a work of awareness and construction of conscious and critical individuals regarding social and environmental issues. This research aimed to analyse in an observational way the teaching practice of Elementary School teachers in the municipality of Palmeira dos Índios - AL and the daily challenges faced when working with Environmental Education. The research data collection was qualitative and occurred through observations, without intervention, and records through notes and photographs. Our results demonstrated in practice what the literature brings when questioning the results obtained with the lack of public policies aimed at education, a fact that demonstrated a serious lack in relation to the effectiveness of environmental practice as student training for society.

* Licenciada em Ciências Biológicas (UFAL). E-mail:sayonara.mk@gmail.com

** Doutorando em Educação (UFAL). Mestrado em Diversidade Biológica e Conservação nos trópicos (UFAL). Graduação em Biologia (UFAL/Universidade de Coimbra). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5524874479883491>. E-mail: brnmichael1@gmail.com.

*** Doutorado em Química e Biotecnologia (UFAL). Mestrado em Agronomia (UFAL). Graduação em Ciências Biológicas-Licenciatura (UFS). Professora da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9198604759474500>. E-mail: mablmachado@hotmail.com

**** Mestre em Direito Público (UFAL). Professor da Faculdade Cesmac do Agreste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7231773971985344>. E-mail: manoelb@cesmac.edu.br

Key-words: Environment. Teachers of elementary school II. Environmental awareness.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, o homem buscou fincar suas raízes em locais que proporcionassem abrigo, alimentação e segurança. Recursos que nos primórdios eram utilizados para o consumo restrito, de uso coletivo, de uma pequena população, passam a ser objeto de interesse individual ao passo que esses locais foram se tornando centros de destruição pela própria espécie e seus recursos sendo minados ao mesmo tempo em que a sociedade evoluía.

Com a exploração abusiva e sem preocupação com a finitude dos recursos e que a fonte de nossa existência um dia deixaria de fornecer sua matéria prima para a nossa sobrevivência, juntamente com o consumo exagerado, levaram a escala de desperdício aumentar drasticamente nas sociedades modernas, culminando em grandes quantidades de lixo e consumo desenfreado dos recursos naturais na contemporaneidade, o que provavelmente produz e produzirá situações que ameaçam a sobrevivência da própria humanidade. E o homem passará a ver de perto o resultado desastroso de suas ações voltadas para si mesmo, através de desequilíbrios ambientais impactando negativamente o bem-estar do planeta (MAZZOTTI, 1998; BARCELOS, 2008).

De tal forma que desenvolver relações sociais solidárias de respeito e comprometimento com a natureza, a sociedade e a si mesmo é imperioso, mas só será possível como a legitimação da Educação Ambiental (EA), e suas propostas de ensino e aprendizagem que vem a ser trabalhadas na escola, não apenas por ser uma exigência resultante de uma necessidade vital de sobrevivência, mas por acreditamos ser a única forma de entendermos que nós, seres humanos, não somos os únicos habitantes deste planeta, que não temos o direito de destruí-lo, e que este será o legado que deixaremos para as nossas futuras gerações (QUADROS, 2007; NARCIZO, 2009).

A Educação Ambiental é um marco importante, devido ao fato de ela não ser um tema específico da educação, do ensino, do pedagógico, mas por ter surgido como resposta aos movimentos sociais, com isso traz um enorme leque de interpretações, e correntes, cujo corpo teórico ainda não está totalmente estabelecido, pois as necessidades mudam com as demandas do planeta, o que torna um campo em que há mais questionamentos do que respostas (LIMA; VASCONCELOS, 2006; PINESSO, 2006).

Educar para o ambiente visa uma compreensão sistemática do planeta Terra, no que diz respeito às questões sociais, políticas e éticas, bem como ecológicas, não encontrando em uma única disciplina específica, todas as bases teóricas para a compreensão do tema. O ser humano precisa assim, tomar atitudes e refletir sobre a complexidade da vida em sociedade, sem deixar de lado fatores como poder econômico e político, assumindo assim uma postura educativa reflexiva e crítica, que leva em consideração as questões ambientais (MARINHO, 2004).

No entanto, para que a educação ambiental venha desempenhar este papel, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998), ela deve ser inserida nos primeiros anos de vida, ainda em casa, pois é neste período que as crianças irão aprender como deverão agir no presente e no futuro. Em seguida é na escola, que deve continuar fazendo parte do dia-a-dia das crianças, adolescentes e jovens. Seja na sala de aula, na convivência com professores, diretores e demais funcionários da escola. É ir além dos termos técnicos e definições, a escola por sua vez tem o dever de ensinar a amar o ambiente, a reconhecê-lo como um lar, respeitando-o e preservando-o. Assim o estudante poderá desenvolver postura que mudará sua forma de agir no meio em que vive, transformando sua própria realidade (NARCIZO, 2009).

Para que isso venha a acontecer cabe à escola desenvolver meios efetivos para que os estudantes venham promover atitudes pessoais, como também comportamentos sociais construtivos e para que possam compreender os fenômenos naturais, as ações humanas, incluindo a suas próprias ações, e de que modo essas ações interferem neles como indivíduos, na sua espécie, e nos demais seres vivos. A Educação Ambiental mostra-se como componente essencial no processo de formação dos estudantes e é tida como uma educação de caráter permanente (EFFTING, 2007).

O papel da escola ainda é permitir um ambiente no qual se estabeleça a construção participativa e a colaboração de todos os atores sociais que a integram, em prol da solução dos problemas que a cada dia emergem, resultante dos conflitos caracterizados das inter-relações ocorridas na sociedade, um ambiente onde os educadores consigam trabalhar de maneira organizada, em que suas concepções opostas ou divergentes possam se manifestar; através da autonomia, os educandos, os pais e a comunidade desenvolvam suas habilidades e possam apresentar as alternativas, críticas e sugestões para soluções de problemas (VELLOSO, 2006).

A escola deve oferecer os meios, mas é o professor que carrega o papel de desenvolver no estudante a capacidade de enxergar-se, desde cedo, como parte constituinte do meio ambiente. De forma interdisciplinar, abandonando conteúdos fragmentados, sem que haja conexões do que se está sendo visto com a realidade, e não levando em conta apenas a disciplina de Ciências e Biologia (OLIVEIRA; OBARA; RODRIGUES, 2007). Os educadores são diariamente desafiados a implementar a Educação Ambiental em suas aulas, podendo tanto ganhar significado de estar em todo lugar, como também, de não pertencer a lugar algum (ARESI; MANICA, 2010).

A relação entre meio ambiente e educação, assume um papel cada vez mais desafiador, demandando a emergência de novos saberes para apreender processos sociais cada vez mais complexos e dos riscos ambientais que se intensificam e estão mais perto de nós (JACOBI, 2005). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) preveem a aquisição desses saberes como forma de construção do próprio indivíduo para a sociedade e que deve ser trabalhado continuamente, mas com maior enfoque da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II. Dessa forma, o presente estudo analisou de forma observacional a prática docente de professores do Ensino Fundamental II, de três escolas do município de Palmeira dos Índios – AL e os desafios diários enfrentados ao trabalhar com a Educação Ambiental nessas escolas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Local de realização do estudo

A pesquisa foi realizada no Município de Palmeira dos Índios, no estado de Alagoas, em três escolas da rede municipal de ensino. As escolas selecionadas para o estudo abrangiam toda a região urbana da cidade, sendo elas: Escola Municipal Professor Douglas Apratto Tenório, Escola Municipal Professora Marinete Neves e Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite, com os dados coletados entre os meses de outubro a dezembro de 2013.

As três escolas escolhidas contemplavam os níveis de ensino da Educação Infantil, ao Ensino Fundamental II, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno, com diferentes modalidades de ensino entre eles. A Escola Municipal Professor Douglas Apratto Tenório funcionava nas manhãs e tardes com a Educação Infantil ao Fundamental II e no período noturno com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A

escola atendia a 430 estudantes, com um número de 12 docentes, dos 12, apenas 7 trabalhavam no Ensino Fundamental II. A Escola Municipal Professora Marinete Neves, também funcionava da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II, nos períodos matutino e vespertino, e EJA no período da noite. Atendia a 1.359 estudantes, com um quadro de 35 professores, sendo 17 do Ensino Fundamental II. E a Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite, também trabalhava com os mesmos níveis de ensino no período da manhã e da tarde. Atendendo 1.105 estudantes, com um quadro de professores no total de 27, sendo apenas 16 alocados para o Ensino Fundamental II.

2.2 Público-alvo

O público alvo da pesquisa foi o corpo docente do Ensino Fundamental II das três escolas municipais escolhidas para este estudo. Uma vez que, levando em conta o que diz os PCN's (BRASIL, 1998) a escola deverá, ao longo das oito séries do Ensino Fundamental, oferecer meios efetivos para cada aluno compreender os fatos naturais e humanos referentes à temática ambiental. A partir daí, levamos em consideração que no Ensino Fundamental II o público mais jovem já teria, ao longo dos anos, construído conhecimentos quanto a EA, desde a sua formação familiar até a série atual. E a escola, por sua vez, teria dado suporte através da sensibilização nas diversas matérias escolar, por meio do ensino interdisciplinar. O que tornaria o trabalho docente mais fluido com relação as problemáticas envolvendo a temática em questão.

2.3 Coleta de dados

O delineamento experimental deste estudo foi baseado em uma análise qualitativa, buscando compreender as relações entre o público alvo e a temática central da pesquisa. O que confere uma natureza voltada para a interpretação de situações e atitudes, condições essas que impossibilitam um trabalho de análise quantitativa, pois o fenômeno em questão não pode ser descrito por números (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000).

Para a realização da coleta de dados foi preciso um contato prévio com os diretores e coordenadores pedagógicos de cada unidade de ensino, a fim de explicar a finalidade da pesquisa e traçar as possibilidades para a realização da mesma. Os dados foram coletados por meio de procedimento observacional. Sendo necessário o contato diário com cada turma do Ensino Fundamental II, em período aleatório em cada turno nas

diferentes escolas, para vivenciar o dia-a-dia escolar, se inserir no cotidiano para compreender e assimilar as dificuldades e soluções diárias de cada professor. Não se limitando apenas a observação das aulas de Ciências, mas também de todas as outras disciplinas das demais áreas do conhecimento. Pelo caráter qualitativo, utilizando do método indutivo-comparativo, a pesquisa requereu um preparo bibliográfico prévio dos pesquisadores para realizá-la. Com registros feitos por anotações e por meio de fotografias, preservando a identidade dos discentes e professores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das observações, sem que houvesse intervenção nenhuma dos pesquisadores, foi possível constatar que as práticas educativas desvinculadas dos aspectos norteadores da interdisciplinaridade colocam em xeque a eficiência do trabalho da educação ambiental no âmbito escolar, descritivamente a partir daqui, nos ocuparemos na tarefa de expor as vivências e apresentar nossos resultados, discussão que se orienta em cada escola que foi visitada.

3.1 Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite

Na Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite, as turmas do Ensino Fundamental II comportavam um grande número de alunos, variando entre 30 a 45 em média, com faixas etárias de 11 a 15 anos de idade. Inúmeros foram os desafios vivenciados pelos docentes, seja ele de qual for à área, a realidade era a mesma. Lima e Vasconcelos (2006) apontam para a realidade da educação brasileira, a superlotação nas salas, o que dificulta o controle em sala de aula. O professor se depara com classes onde os estudantes não têm interesse algum em aprender e desenvolver habilidades.

O excesso de estudantes é um problema latente na escola, fazendo com que os professores tivessem enorme dificuldades em controlar suas turmas. Os docentes entravam em sala de aula e demandava muito tempo pra que todos os estudantes pudessem se portar adequadamente para que a aula pudesse ser iniciada. Ocorrendo o mesmo entre os intervalos de uma aula para outra, com a mudança de professores. Confirmando esta realidade, Silva e Alves (2009) citam que poucas são as instâncias em que o professor consegue com sucesso ministrar a aula por ele planejada, explanando o conteúdo proposto de modo a conduzir o educando a produção do conhecimento.

Os professores da área de Ciências limitavam-se a exposição de conteúdo, utilizando apenas livro didático e quadro negro, apesar de tentarem trazer outras metodologias, como vídeo e exercícios dirigidos, o que não surtia efeito do ponto de vista de interesse das turmas. Quando os professores no decorrer das aulas propuseram a produção de conteúdo expositivo com a realização de cartazes, retratando paisagens ambientais, remetendo a conteúdos previamente estudados; ou ainda quando se propuseram a ministrar uma palestra para os 9º anos, relacionada à saúde e sexualidade, não surtiram o resultado esperado. Era notório que quando tentavam adicionar dinamismo aos conteúdos, era pouco efetivo, pois a indisciplina dos estudantes criava uma barreira e não permitia trabalhar de forma a promover o desenvolvimento de habilidades e a construção de conhecimento. Realidade já apontada por Silva e Alves (2009), que estabelecem como persistente nas escolas, a indisciplina dos educandos, normalmente barram o desenvolvimento, impedindo uma avaliação que permita conciliar a uma linha de procedimento e atitudes: uma que vez o professor não consegue transformar este comportamento em um objeto de discussão e promoção de uma consciência por parte dos estudantes, falhando em seu papel na formação de indivíduos capazes de lidar com as diferentes interações, sem reconhecimento do seu próprio ambiente.

Os estudantes não se reconheciam no próprio ambiente em que conviviam, fazendo da sala de aula um ambiente qualquer, jogavam lixo no chão, depredando as mesas de estudo, sem repreensão alguma por parte dos professores, e especificamente os da área de Ciências, que aparentavam um cansaço a mais com relação a essas questões. Já que ao verem as atitudes depredatórias, do ponto de vista ambiental, não promoviam debates para a sensibilização dos discentes, quanto à preservação do meio ambiente, começando com a sala de aula. Havia lixeiras nas salas e nos corredores, mas mesmo assim os estudantes não assimilavam que deviam manter o ambiente limpo, não havendo também sensibilização para a prática por parte dos professores e dessa forma os estudantes não se atentavam para o ato de achar a lata de lixo. Atitude contrária ao que aponta Melo e Konrath (2010), salientando a necessidade de o docente, em âmbito escolar, supervisionar e desafiar ao aluno a pensar sobre o assunto, para que possam construir hábitos para sua vida diária e em sociedade.

Quanto às disciplinas das demais áreas do conhecimento: Português, Matemática, Artes, Educação Física, História, foi possível verificar que compartilhavam realidades idênticas em sala de aula, não trabalhavam de forma interdisciplinar, as

disciplinas não conversavam entre si e o conteúdo era passado de forma compartimentalizada. Os professores das disciplinas não se preocupavam em momento algum em relacionar seus conteúdos com os temas transversais e com a própria temática ambiental, uma vez que, enfrentavam uma sala de aula onde o aluno não permitia o trabalho com metodologias que não fossem o bom e velho quadro e giz. O que visivelmente refletia nos professores desânimo frente ao desafio de trabalhar assunto relacionado à sua disciplina de forma dinâmica. O que de fato impossibilitava associar temas transversais, já que não conseguiam sequer dar aula, nem tão pouco, gerar discussões programáticas para as disciplinas.

Durante o período de observações, através de conversas nos corredores com os professores tanto de Ciências como os de outras áreas, fizeram desabafos quanto à insatisfação de sua profissão, onde muito são cobrados, mas que não recebem condições mínimas de trabalho, não há um diálogo entre os segmentos do âmbito escolar, e os professores acabam transmitindo esta insatisfação para os estudantes, uma vez que não acreditam em mudanças. Silva e Alves (2009) trazem uma reflexão importante sobre esse panorama: professores exaustos em tentarem mudanças no sistema educacional, e o que se consegue é uma domesticação do ensino, cruzam os braços frente aos problemas dentro das instituições de ensino, e fecham as portas de “suas” salas de aula, e dentro delas tentam solitariamente cumprir pelo menos a burocracia de seu papel. O que leva a ministrar seus conteúdos de forma compartimentalizada e o quadro avaliativo é utilizado como moeda de troca, através do terrorismo das notas. Sendo está a realidade vivida pelos professores da rede municipal da Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite.

3.2 Escola Municipal Professora Marinete Neves

As turmas da Escola Municipal Professora Marinete Neves, compartilhavam uma realidade semelhante ao da Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite, no entanto, apresentava salas com um número reduzido de estudantes, comportando por sala cerca 20 a 32 alunos, de faixas etárias que variavam de 11 a 16 anos.

Essa escola possuía uma boa infraestrutura física para comportar o contingente de estudantes que atendia, possuindo salas grandes que acomodavam bem o número de estudantes por turma, quadro branco e negro dentro da sala de aula, materiais didáticos e de multimídia oferecidos aos professores como suporte para suas aulas. No entanto nas aulas observadas, um ou outro professor fazia uso de metodologias que o desassociava da

prática livresca, pelo menos não no período de observação. Segundo Oliveira, Obara e Rodrigues (2007) é um dos papéis do professor desenvolver no aluno a capacidade de enxergar, desde cedo, como parte constituinte do meio ambiente, mas não foi a realidade assistida nas observações feitas nesta escola. Os professores passavam seus conteúdos fragmentados, sem que haja conexões do que se está sendo visto com a realidade, levando em conta apenas a sequência do livro e o que se fala de meio ambiente se limita as figuras e páginas dos livros, como sendo uma realidade distante.

O principal desafio observado para os docentes de todas as disciplinas desta escola era a falta de respeito em sala de aula e a desvinculação do papel do professor. Os estudantes tratavam os professores como colegas de sala, falavam palavras de baixo calão e quando repreendidos não levavam a sério o ambiente escolar. Professores de Português e História, em suas aulas, passaram por alguns problemas, como enfrentamento de estudantes, quando repreendidos pelo barulho em sala, havendo a necessidade da intervenção da direção para controlar a situação, situação circundada por ameaças e situações constrangedoras. Corroborando com essa realidade, Marinho (2004), relatou que a escola tornou-se um verdadeiro teatro da vida real, cujo centro das atenções é a anarquia daqueles que não conseguem e não podem vivê-la durante suas relações sociais fora do ambiente escolar. Ao ter contato com a escola as crianças, pré-adolescentes e adolescentes vulgarizam o papel dos professores, coordenador, diretores e demais funcionários.

A situação de indisciplina encontrada nesta escola, também se assemelha a da Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite. Era habitual que os momentos de silêncio e que aparentemente se produzia alguns indícios de conhecimento eram quando os estudantes estavam copiarem, prática que se tornava frequente nas observações, os estudantes copiavam o tempo todo, do início ao fim da aula, como uma medida de manter a turma em silêncio, pois todas as tentativas para a explanação dos conteúdos, o barulho e a desordem voltavam a dominar o ambiente.

O ambiente escolar como um todo, estava sempre limpo. Ao chegar na escola os estudantes encontravam salas e o ambiente em geral limpos, porém ao decorrer das aulas, os alunos não tinham preocupação alguma em manter o ambiente assim e no final do dia as salas encontravam-se em situações totalmente contrária àquela que encontravam no início do turno escolar. A escola possuía lixeiras para a coleta seletiva, no entanto eram ignoradas, pois os estudantes mal se dirigiam a elas. Não havia comportamento nenhum

que gerasse indício para a preocupação em preservar o ambiente em que conviviam em sala de aula, algumas salas possuíam suas paredes rabiscadas com frases obscenas, com várias cadeiras quebradas e os discentes faziam questão de mantê-las assim. Anulando a ação do professor que conforme Jacobi (2005) frente a essa situação é impedido de impulsionar os estudantes para as transformações de uma educação que assuma um compromisso com a formação de uma visão crítica, de valores e de uma ética para a construção de uma sociedade sustentável.

Nesse caso a escola não estava exercendo sua função, uma vez que, a escola é um espaço social e o local onde o estudante seria sensibilizado para realização e desenvolvimento de ações ambientais dentro e impulsionados a vivenciá-los fora do âmbito escolar, para que este possa dar continuidade ao processo de socialização (EFFTING, 2007). Comportamentos ambientalmente corretos devem ser ensinados, no cotidiano da vida escolar, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis. É muito importante que as escolas, através de suas atividades, sensibilizem os estudantes em relação às questões ambientais, possibilitando assim desenvolver o interesse e percepção da importância em atuar na sociedade (ARESI; MANICA, 2010).

No entanto, a direção delegava a realização de alguns projetos para a atenção de problemas sociais, nos quais os estudantes estavam envolvidos, como por exemplo: a elaboração de um projeto sobre drogas, que teve o objetivo de conscientizar os perigos e riscos que as drogas trazem, como também para alertar os alunos quanto aos prejuízos para a vida daqueles que estão envolvidos e fazem uso delas. Este projeto foi estabelecido pela direção devido à necessidade de trabalhar a temática, e aos professores a incumbência de participar, inserindo o tema em suas disciplinas. Porém, todos os trabalhos foram de forma individual e não interdisciplinar, como prevê os PCN's (BRASIL, 1998). O que se precisa segundo Velloso (2006), é de uma escola que permita um ambiente no qual se estabeleça a construção participativa, com a colaboração de todos os atores sociais que a integram, em prol da solução dos problemas que a cada dia emergem resultante dos conflitos caracterizado das inter-relações ocorridos na sociedade, bem como um ambiente onde os educadores consigam trabalhar de maneira organizada, em que suas concepções opostas ou divergentes possam manifestar-se; através da autonomia, os educando, os pais, e a comunidade desenvolvam sua habilidade e possam apresentar as alternativas, críticas e sugestões.

Seria uma excelente oportunidade para trabalhar a temática ambiental, como uma das finalidades incumbidas a EA que de acordo com Barcelos (2008) é a de contribuir para a formação de indivíduos críticos e conscientes, capazes de lidar com a realidade socioambiental de modo que atue comprometidos com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade.

Possivelmente devido as idas a escola para as observações foi possível presenciar a iniciativa de dois professores para fazerem associações e chamarem a atenção dos estudantes quanto à preservação do meio ambiente. A primeira foi na aula de Geografia, onde o professor aproveitou seu conteúdo sobre a destruição de áreas afetadas pelas chuvas e falou da necessidade de plantar árvores, como também de respeitar o meio ambiente. O outro momento foi durante a aula de Português, na qual a professora através de um filme buscou trabalhar na literatura regionalista a consciência para preservação do meio ambiente.

Segundo os PCN's (BRASIL, 1998), ainda que nenhuma das disciplinas, isoladamente, conseguirá explicar a problemática dos temas transversais, diante da complexidade que lhes é peculiar, faz-se necessário que os temas transversais percorram por todos os campos do conhecimento (BRASIL, 1998). Logo, se não houver diálogo entre as disciplinas, nenhum objetivo será alcançado.

Esta realidade escolar é vivenciada por muitos professores de rede municipais em todo o Brasil, realidade que Silva e Alves (2009), quando apontam que a escola apresenta uma serie de educadores frustrados, apesar de serem apaixonados pela profissão, esses profissionais não encontram em sala de aula, a reciprocidade esperada de um relacionamento entre professor e aluno. Conforme Reigota, Possas e Ribeiro (2003), o que se percebe também é que a grande maioria dos professores não está devidamente preparada e nem se motiva a capacitar-se, para inserir-se numa discussão com os estudantes, no que diz respeito às questões ambientais. Principalmente hoje, devido ao fácil acesso a informações, sempre disponível, entre os estudantes e as conectividades das mídias sociais.

3.3 Escola Municipal Professor Douglas Apratto Tenório

Em relação à Escola Municipal Professor Douglas Apratto Tenório, esta apresentava infraestrutura precária e necessitando de inúmeros reparos estruturais.

Comportava um número menor de estudantes em relação às demais, ainda assim, possuía salas com cerca de 10 a 30 alunos por turma. Com faixas etárias entre 11 a 15 anos.

Esta escola foi emancipada no início de 2013, até então era uma escola do Estado de Alagoas, tendo seu quadro de funcionários e professores remanejados. A mudança deixou alguns problemas a serem resolvidos, como a carência de professores, uma vez que, havia professores de uma área dando aula de três disciplinas diferentes, outros com duas disciplinas, tudo em prol dos estudantes para que estes não fossem prejudicados. No entanto acabavam sendo explorados. Houve dias em que apenas um professor precisava estar presente em duas a três salas, ao mesmo tempo, impossibilitando uma prática pedagógica eficiente para alcançar as turmas.

Outro problema que a escola enfrentava era a falta de recursos para que houvesse funcionamento. A verba destinada à referida escola não estava suprindo as necessidades básicas da mesma. Algumas ações foram desenvolvidas no âmbito escolar em prol de arrecadação de dinheiro para suprir algumas necessidades, como por exemplo: realização de um bazar, promovido com a participação da comunidade, fazendo assim com que a comunidade conhecesse os esforços da direção, para manter um ambiente com os padrões mínimos de qualidade.

O ambiente escolar sempre esteve e permanecia limpo, um ou outro estudante jogava papel no chão em sala de aula, mas em números bem menor quando relacionado às outras escolas. Havia salas que eram divididas por paredes de placas de PVC. A sala dos professores foi remanejada, para se tornar a sala dos alunos do 8º ano, e o espaço para professores era bastante pequeno, levando-os a ficarem fora da sala devido à ventilação, causando um distanciamento entre eles.

Quanto às salas de aulas, elas possuíam números pequenos de alunos, por sala de aula, chegando a ter uma sala com apenas 10 alunos. Os estudantes eram disciplinados, comportavam-se bem e conseguiam prestar atenção no que estava sendo passado, embora alguns atrapalhassem, e se mostravam desinteressados. Quanto às realidades vivenciadas pelas demais escolas, esta apresentava o melhor quadro. No entanto, não trabalhavam com educação ambiental, pelo menos não de forma interdisciplinar.

De modo geral relacionando às aulas elaboradas pelos professores, tanto os da área das Ciências quando as demais áreas do conhecimento, trabalhavam tendo por base o livro didático, de forma disciplinar. Não foi possível ver metodologias desconectadas do livro, devido à realidade na qual a escola encontrava-se no momento. No entanto, foi

possível participar da realização de alguns projetos voltados à comunidade em aspectos sociais. Como o alto de Natal, que foi uma peça realizada pelos alunos de todos os anos e com a interação de todos os professores de forma participativa, apesar de não ter sido um projeto com o intuito e voltado para as questões ambientais.

Porém um dos professores no chamou atenção, nas aulas de Ciências, o professor buscava a interação com o estudante, com a sua participação em relação alguns questionamentos voltados à realidade social e ambiental, da qual o homem estava vivenciado no momento. Apesar de trabalhar de forma programada, seguindo os conteúdos do livro, esse professor conseguia ir além, promovendo aplicabilidade do que era teoricamente voltada a prática. Um exemplo disso foi à explanação do conteúdo “lixo” com os estudantes do 6º ano, o professor procurou sensibilizar os estudantes para a diminuição, reutilização e reciclagem do lixo. Realizando uma oficina para a reciclagem de garrafas PET, onde todos os alunos puderam participar. Esta foi considerada por nós uma prática exitosa, naquele momento o professor alcançou seu objetivo que era proporcionar aos educandos informações quanto à importância de cuidar do meio ambiente, seja ele escolar ou no cotidiano.

As abordagens levantadas pelo professor de Ciências, como a temática lixo, puderam contribuir para a curiosidade dos estudantes para a temática. Apesar de Bigotto (2008), ressaltar que a escola não tem obrigação de resolver problemas ambientais como lixo, poluição do ar, da água, etc., deve desenvolver o interesse pelo conhecimento e a capacidade de julgamento nas pessoas que compartilham uma mesma realidade, para que elas possam ser um diferencial na construção coletiva de um ambiente melhor. Assim, cabe à escola desenvolver uma sensibilização de deveres e direitos nos cidadãos, e é no professor que se personifica enquanto agente transformador, trabalhando de forma interdisciplinar com a educação ambiental podendo contribuir para que o objetivo da escola venha a ser alcançado.

Embora evidenciamos que o professor de ciências tenha conseguido trabalhar de forma satisfatória nas observações de sua disciplina, trazendo-a para a educação ambiental, os demais professores não tinham as mesmas pretensões de se trabalhar, limitavam-se a exposição de seu conteúdo. Quando os professores se prendem ao livro e apenas a sua área de ensino, não contempla o objetivo de sua prática, que é a de levar ao aluno a se enxergar desde cedo como parte do meio ambiente. Havendo perdas quanto ao processo de ensino-aprendizagem (OLIVEIRA; OBARA; RODRIGUES, 2007).

Apenas o professor de Ciências não se limitou a concepção reducionista da educação ambiental, prática esta que se restringia as abordagens apenas de aspecto físico, naturais ou construídos, buscando apenas a mudança de comportamento voltado a conservação ecológica, reduzindo assim o papel da educação. O Professor foi além, trabalhando com a educação ambiental crítica, inversa às outras realidades vivenciadas nas escolas aqui analisadas, este apresentou soluções para problemas ambientais, o que é para Kist (2010) uma visão integrada do meio ambiente, a fim de promover o entendimento da realidade e a emancipação dos sujeitos, por meio da busca individual e coletiva, a soluções dos problemas enfrentados.

Ainda assim, para Medina (1994, 2002), cabe exclusivamente ao professor ajudar a dinamizar o processo de aprendizagem. Porém, em nossa concepção não existem conhecimentos prontos para serem transmitidos e memorizados, mas processos de uma dinâmica coletiva de reflexão, negociação e de evolução de significados. Sendo responsabilidade de o professor investigar processos na aula a fim de ajustar seu planejamento didático aos fenômenos que nela ocorrem e que rodeia seus alunos, não delegando a outros (agentes externos, técnicos em currículo, administração, livro didático, etc.). O professor é a peça fundamental para o desenvolvimento das habilidades e valores éticos e sociais de cada estudante, porém devido ao sistema educacional falho, não há mais crença que isso possa ser possível.

Ficou evidente que a falta de interesse por parte do Estado em investir na formação e capacitação de professores, percebe-se que a cada dia segundo Velloso (2006), o quadro de desvalorização do magistério tem se acentuado, por diversos fatores, dentre eles: a jornada de trabalho; falta de tempo e recursos para aprimorar sua formação e prática docente, e o desprestígio social de sua função. Havendo uma necessidade das equipes das secretarias de Educação dos Estados motivarem as autoridades escolares e os professores para a constituição, evolução e permanência do desenvolvimento da Educação Ambiental no âmbito escolar como a presença de equipes de Educação Ambiental nas escolas (MEDINA, 2002).

Ainda assim, o papel dos professores é essencial para impulsionar as transformações de uma educação que assume um compromisso com a formação de uma visão crítica, de valores e de uma ética para a construção de uma sociedade ambientalmente sustentável (JACOBI, 2005). Ademais, erroneamente assume-se que a Educação Ambiental é coisa para professores de Ciências, Biologia ou de Geografia,

como uma forma de se isentar desta responsabilidade (BARCELOS, 2008). O que reflete o despreparo dos professores para uma discussão com alunos, no que diz respeito às questões ambientais. Ou ainda, não há motivação nem incentivos gerados pela desvalorização da classe, dessa forma não se permite inovar sua metodologia de ensino (REIGOTA; POSSAS; RIBEIRO, 2003).

Ficando aqui a evidencia da necessidade de uma formação docente que supere o enfoque teórico-metodológico do fazer pedagógico e permita ainda a construção de instrumentos para compreensão da realidade (PINESSO, 2006). Logo se observa que a Educação Ambiental por si só, como a Educação de uma maneira geral, sem políticas e ações governamentais, não alcança sua proposta, ficando apenas no campo das intenções (BRASIL, 1998).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido ao caráter norteador e não obrigatório, os PCN's não esclarecem como os professores devem trabalhar a temática da EA em seu cotidiano. De certa forma, este posicionamento deixa livre para que o professor aborde a temática da forma que lhe convier, porém devido à falta de incentivo e carência na própria formação, esta tarefa se torna difícil e frustrada sem o principal foco, que é a interdisciplinaridade.

Por outro lado, a formação do professor no Brasil é defasada em três aspectos principais: primeiro, na deficiência de um currículo que contemple os aspectos tecnológicos, ou seja, o professor não tem contato em sua formação com metodologias ativas, que utilizem a tecnologia a favor e no processo de ensino e aprendizagem, o que demonstra ser atrativo aos jovens devido ao mundo globalizado em que vivem e repleto de avanços tecnológicos cada vez mais acessíveis. Outro ponto é a falta de estrutura das próprias escolas, que não acompanham esses avanços. E o terceiro ponto, está relacionado à falta de incentivo financeiro, o pagamento dos professores não é adequado, relacionando a importância da função, o que também desmotiva ao docente no desempenho de seu trabalho. Com isso, a desvalorização do papel do professor enquanto facilitador do processo de ensino e aprendizagem é um dilema historicamente construído, que permeia os pilares de nossa sociedade. Carente de uma reforma de caráter ideológica sem precedentes e uma ressignificação da importância dos docentes como alicerce das relações do Estado e a sociedade.

Ainda assim, ao observar os discentes do Ensino Fundamental II, foi gritante a necessidade da introdução da temática nas séries anteriores. O Professor como mediador do processo do conhecimento deve transmitir para as crianças, o conhecimento através do brincar e das metodologias lúdicas ativas, de forma efetiva, para que os discentes na Educação Infantil possam questionar o que lhes permitirão, a partir de suas próprias vivências, se tornarem conscientes de seu papel ambiental e conseqüentemente como cidadãos, transformando sua realidade através do reflexo de suas ações.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 2. ed., 2000.

ARESI, D.; MANICA, K. **Educação ambiental nas escolas públicas: realidade e desafios**. Chapecó – SC, Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – UNOCHAPECÓ, 2010.

BARCELOS, V. **Educação Ambiental: Sobre princípios, metodologias e atitudes**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BIGOTO, A. C. **Educação Ambiental e o desenvolvimento de atividades de ensino na escola pública**. São Paulo, Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, 2008.

BRASIL. **Secretaria da Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

EFFTING, T. R. **Educação ambiental nas escolas públicas: realidades e desafios**. Marechal Cândido Rondon, Monografia (Especialização em Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável) – UNIOESTE, 2007.

JACOBI, P. R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, 31:2, p. 233-250, 2005.

KIST, A. C. F. **Concepções e práticas de educação ambiental: uma análise a partir das matrizes teóricas e epistemológicas presentes em escolas estaduais de ensino fundamental de Santa Maria – RS**. Santa Maria, Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSM, 2010.

LIMA, K. E. C.; VASCONCELOS, S. D. Análise da metodologia de ensino de ciência nas escolas da rede municipal de Recife. **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 14:52, p. 397-412, 2006.

MARINHO, A. M. S. **A educação ambiental e o desafio da interdisciplinaridade**. Belo Horizonte, Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC Minas, 2004.

MAZZOTTI, T. B. **Uma crítica da “ética ambientalista”**. In: Chassot, Á.; Oliveira, J. R. (Orgs.). *Ciência, ética e cultura na educação*. São Leopoldo: Editora Unisino, p. 231-250, 1998.

MEDINA, N. M. **Elementos para a introdução da dimensão ambiental na educação escolar - 1.º Grau**. In: BRASIL. Ministério do Ambiente e da Amazônia Legal. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Amazônia: uma proposta interdisciplinar de educação ambiental. Documentos metodológicos*. Brasília: IBAMA, 1994.

MEDINA, N. M. **Formação de multiplicadores para educação ambiental**. In: Pedrini, A. G. (Org.) *O Contrato Social da Ciência, unindo saberes na Educação Ambiental*. Petrópolis: Vozes, p. 47-69, 2002.

MELO, M. G. A.; KONRATH, V. L. **Trabalhando o lixo na escola: uma atividade que integra a comunidade**. *Ciência em Tela*, 3:1, p.1-7, 2010.

NARCIZO, K. R. S. **Uma análise da importância de trabalhar educação ambiental nas escolas**. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, 22, p. 86-94, 2009.

OLIVEIRA, A. L.; OBARA, A. T.; RODRIGUES, M. A. **Educação ambiental: concepções e práticas de professores de ciências do ensino fundamental**. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 6:3, p. 471-495, 2007.

PINESSO, D. C. C. **A questão ambiental nas séries iniciais: práticas de professoras do Distrito Anhanguera**. São Paulo, Dissertação (Mestrado em Geografia Física) – USP, 2006.

QUADROS, A. **Educação ambiental: iniciativas populares e cidadania**. Santa Maria, Monografia (Especialização em Educação Ambiental) – UFSM, 2007.

REIGOTA, M.; POSSAS, R.; RIBEIRO, A. (Orgs.). **Trajetórias e narrativas através da educação ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA, P. J.; ALVES, J. S. **Os desafios do professor iniciante na rede pública municipal de Goiânia: o processo de ensino aprendizagem no ambiente escolar**. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 30 de ago. a 2 de set., 2009

VELOSSO, C. S. **Educação Ambiental na rede pública do Município do Rio de Janeiro: concepções, problemas e desafios**. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRJ, 2006.

AGRADECIMENTOS E APOIO

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em agradecimento pela bolsa dada ao Bruno M. S. Pereira.

Artigo enviado em: 01/02/2023

Artigo aceito para publicação em: 10/03/2023